

E, para que nenhuma divindade pudesse ser esquecida na oração que a todos pertencia, o poeta infere a expressão “*deosque cunatos*” (v. 73). Desta forma, acreditara ter atendido a todos os segmentos da multifacetada religiosidade romana.

Augusto imaginara um império romano vasto, sólido, inexpugnável, pacífico, feliz e duradouro e orientar sua ação governamental na exploração do sentimento coletivo que atribuía a grandeza de Roma e a paz reinante à conjugação de esforços divinos e humanos. Cuidadosamente organizada, aquela ação transformou-se em ideologia de governo.

No poema, Horácio alterna o elemento divino e humano, fazendo com que expressão e conteúdo caminhassem juntos, em perfeita harmonia e equilíbrio, revelando-se um poeta coerente com os próprios ensinamentos na Epístola aos Pisões (**Arte Poética**), em que recomenda um padrão de arte ao mesmo tempo agradável e útil (**A. P.**, v. 305 a 308). E, à medida que ícones, símbolos e signos aparecem, imagens vão sendo elaboradas de tal forma que, reunidas, vão paulatinamente modelando e construindo a imagem central do poema: a grandeza de Roma e da raça, no prolongamento de uma nova era cada vez mais feliz e próspera.

Vale a pena ler e reler, sempre que possível, esta coluna de sustentação do “*monumentum aere perennius*” do fantástico mestre do lirismo latino, sem esquecer de ter ao lado um bom dicionário de latim e o **Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e Religião Romana** do saudoso e admirável mestre Junito Brandão.

#### Bibliografia:

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*. (1993) 2ª. ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes/ Ednub.

FLACCO, Quinto Orazio. (1983) *Le lettere*. Introduzione, traduzione e note di Enzo Mandruzzato. Testo latino a fronte. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino-português*. Porto: Porto Editora, 1942.

#### MNEMOSÝNE

PROF. DR. AIRTO CEOLIN MONTAGNER (UERJ/UNIGRANRIO/USS)

#### Resumo:

Mnemósina derivaz de ‘mimnéskein’, “‘fazer-se lembrar, fazer pensar, lembrar-se de’, donde significar o vocábulo ‘a personificação da Memória’. Zeus se uniu a ela por nove noites seguidas e foi pai, após um ano, das nove Musas.

Palavras-chaves: hierogamia; Hesíodo.

No princípio era o Caos, matéria informe e confusa. Do Caos, fez-se Géia, Tártaro e Eros.

Géia, a *Tellus Mater*, a Mãe-Terra, gerou Úranos. No mundo da mitologia, os deuses se casam e têm filhos. Assim sucedeu com Úrano e Géia. Desse consórcio primordial nasceram os Titãs: Oceano, Ceos, Crio, Hipérion, Jápeto, Crono; e as Titânidas: Téia, Réia, Têmis, Mnemósina, Febe e Tétis. Úrano e Géia também geraram os Ciclopes e os Hecatonquiros.

Úrano gerou todos esses filhos, mas sua geração era inútil e estéril, pois assim que nasciam imediatamente eram devolvidos ao seio de Géia. Certa vez, Géia resolveu libertá-los e solicitou-lhes que a livrassem da tirania do esposo. Somente o filho mais novo, Crono, ouviu a voz da mãe e decidiu agir. Com uma foice, aproximou-se do odioso pai e cortou-lhe, de um só golpe, os testículos. Um grito espantoso reboou no infinito e o sangue urânico jorrou sobre Géia, originando as Erínias, enquanto a parte estirpada foi lançada ao mar, gerando Afrodite.

Castrado Úrano, Crono se une a Réia e reina sobre o universo no lugar do pai. Crono foi um rei tão déspota quanto o pai. Temendo ser destronado por um dos filhos, conforme predizia-lhe o oráculo, decidiu engolir os próprios filhos conforme iam nascendo: Héstita, Deméter, Hera, Hades e Posídon. Quando Zeus nasceu, Réia resolveu enganar o marido, dando-lhe uma pedra envolvida num pano de linho no lugar do filho. Zeus cresceu

longe da família, aprendeu a odiar o pai. Quando se tornou adulto, regressou para destronar Crono e ocupar o seu lugar. Foi então que se deu uma guerra gigantesca entre os deuses. De um lado estavam os Titãs, comandados por Crono, de outro, os Ciclopes e os Hecatonquiros, libertados do Tártaro. Após dez anos de acirrados combates, Zeus é vencedor e assume a supremacia do Universo.

Para comemorar a grande vitória, os deuses do Olimpo pediram a Zeus uma comemoração condigna. Zeus, então, partilhou do leito de Mnemósina, filha de Úrano e Géia, durante nove noites, gerando as nove Musas: Calíope, deusa da poesia épica, Clio, da história, Érato, da lírica coral, Euterpe, da música, Melpômene, da tragédia, Talia, da comédia, Terpsícore, da dança e Urânia, musa da astronomia.

Mnemósina, cujos irmãos foram vencidos por Zeus, pertence à geração primeira. É a personificação da Memória.

Jean-Pierre Vernant reproduz a afirmação de Meyerson ressaltando que a memória consiste numa conquista progressiva pelo homem do seu passado individual, diferentemente da história que constitui uma conquista do passado do grupo social.

Se formos buscar a presença da memória no mito, logo perceberemos que ela é divinizada, colocada pelos gregos entre seus deuses do mesmo modo como o fizeram com suas paixões e sentimentos – Éros, Aidós, Phóbos – qualidades intelectuais – Mêtis – erros ou desvios do espírito – Áte. Mnemosýne, no entanto, é especial, uma vez que ela atinge o tempo e o eu. O domínio sobre a memória pressupõe esforço, treinamento, exercícios, vivência. E ela tem seu valor inestimável quando lembramos a tradição oral de uma civilização como a grega entre os séculos XII e VII, antes da difusão da escrita.

Deusa titã, irmã de Crono e de Okeanós, mãe das nove Musas, Mnemosýne preside a função poética. Entre os gregos, essa função exigia a intervenção do sobrenatural. A poesia parecia-lhes advir de uma possessão divina, de um estado de ‘entusiasmo’. Possuído de Mnemosýne, o poeta é o seu intérprete, como profeta, como vate, da mesma maneira que Apolo se apossa do adivinho fornecendo-lhe o dom da vidência. O poeta e o adivinho têm em comum o mesmo dom da vidência. Cegos para a luz, como Homero e Tirésias, vêem, no entanto, o invisível, através da revelação das coisas que escapam aos comuns dos homens: o passado, o futuro, ou seja, o domínio do tempo – o que aconteceu outrora, o que ainda não é. Mnemosýne tem o domínio da *sophia* (sabedoria) e dá ao homem a onisciência do tipo divinatório: tudo o que foi, tudo o que é, tudo o que será conforme Hesíodo. No proêmio dos *Trabalhos e dias* (1-10), o poeta da Teogonia cria um breve hino de louvor a Zeus, no qual as Musas, suas filhas com Mnemosýne, cantam através da voz do poeta.

Se ao adivinho cabe orientar os consulentes acerca do futuro, ao poeta ou ao aedo é o passado que o orienta: a idade heróica, a idade primordial, o tempo original. É a memória que transporta o poeta ao coração dos acontecimentos antigos. O poeta-cantor, entronizando Mnemosýne, nas confrarias de aedos, aprende a dominar as técnicas da composição oral. Como o recurso da poesia oral é a memória, o aedo invoca a Musa, no início do canto. Assim procede Homero ao invocar a Musa, pois vê que sua tarefa é grandiosa demais para um homem que tem de trazer à memória, além de inúmeros fatos e nomes, um catálogo das naus aquéias, de seus chefes com seus nomes, depois o catálogo dos Dânaos, totalizando 400 vv. Eles são a memória de uma sociedade sem escrita.

Em Homero, o esforço religioso é para determinar as origens. É

por isso que ele se empenha em fixar as genealogias dos homens e deuses. Em Hesíodo também o passado é a fonte. Ali, as Musas cantam as origens, desde o aparecimento do mundo, a genealogia dos deuses, o nascimento da humanidade. Se o passado é a fonte, todavia a lembrança não situa os acontecimentos num quadro temporal, mas procura atingir o fundo do ser, descobrir o original, a realidade primordial que saiu do cosmo e que permite o devir em seu conjunto.

As Musas narram a origem do mundo através das genealogias, e não através de uma cronologia, em que prepondera o tempo. O tempo está como que incluído nas relações de filiação. Cada filiação, cada raça, guénos, tem seu próprio tempo, sua idade, cuja duração, fluxo e mesmo orientação podem diferir totalmente. O passado estratifica-se numa sucessão de raças, que formam o tempo antigo, mas que não deixam ainda de existir e de ter realidade na vida presente e na raça atual dos seres humanos.

Contemporâneas do tempo original, as realidades primordiais como Géia e Úranos permanecem o fundamento inabalável do mundo de hoje. Os Titãs, forças da desordem, gerados por Úranos, monstros vencidos por Zeus, continuam a viver e a se agitar no mundo infernal, na terra do além, na noite. Todas as antigas raças de homens que deram o nome aos tempos passados, na Idade do Ouro, sob o reinado de Chronos, depois na Idade da Prata e do Bronze, enfim na Idade heróica, estão ainda presentes para quem deseja vê-las. Estão presentes os sucessores de Chronos, aqueles estabeleceram com o seu reinado a ordem no mundo, os Olímpicos.

Neste sentido, não se pode dizer que a evocação do passado faz reviver um tempo que não existe mais e nos dá a ilusão da existência. A vitalidade da raça primordial perdura por todas as idades. Se o passado é parte integrante do cosmos, revivê-lo e explorá-lo é descobrir o que se

esconde nas profundezas de cada ser. Se a memória não constrói o passado, nem tampouco o anula. Ela lança uma ponte entre os que hoje vivem os que deixaram a luz do sol, fazendo voltar, por um instante, aquele que já se foi. É com se fosse uma consulta oracular dos gregos: uma descida ao mundo de Hades para aí ver o que saber. Mnemosýne dá ao aedo um contato com o mundo do Além, a possibilidade de aí entrar e de voltar dele livremente. O passado aparece como uma dimensão do Além.

Assim, as Musas mostram a Hesíodo a progressiva ordem do mundo dos imortais, mas também a progressiva desordem do mundo dos mortais. Hoje vivemos a idade do ferro, a raça dos homens de ferro, porque somos duros, frios, opressores.

Mnemosýne é aquela que faz recordar. A lembrança do passado tem em contrapartida o esquecimento do presente.

Em Lebadia, na Beócia, junto ao oráculo de Trofônio, havia duas fontes de cujas águas bebiam os consulentes. Uma chamava-se Lete, a Fonte do Esquecimento, que vai ser a formadora do rio Lete, rio do Hades, rio do esquecimento; a outra Mnemosýne, a Fonte da Memória. Beber da fonte de Lete significava o esquecimento da vida humana e, semelhante a um morto, o consulente penetrava no mundo da noite. Beber da segunda, Mnemosýne, era guardar tudo o que havia visto e ouvido no outro mundo: aprendido. Esquecer o profano, guardar o sagrado, transmitido pelo oráculo.

Esquecimento, Lete, águas da morte. Só se penetra no reino das sombras depois de ter bebido dessa fonte, isto é, depois de ter perdido a lembrança e a consciência. Ao contrário, Memória aparece como fonte de imortalidade.

## BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1996. v. 1.
- TORRANO, J. A. A. *Teogonia, a origem dos deuses*. S. Paulo: Massao Ono-Roswita Kempf Editores, 1985.
- FERRARI, F. et alii. *Dizionario della civiltà classica*. 2 ed. Milano: Biblioteca Universale Risolli. 2001
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Trad. Introd. e comentários de Mary de Camargo Neves Lafer. S. Paulo: Iluminuras, 1996.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra. 2002.